

Na trilha dos caetés: A ontogênese do romancista graciliano ramos.

Cosme Rogério Ferreira y Silvaneide Maria da Conceição Freitas.

Cita:

Cosme Rogério Ferreira y Silvaneide Maria da Conceição Freitas (2019). *Na trilha dos caetés: A ontogênese do romancista graciliano ramos. XXXII Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología. Asociación Latinoamericana de Sociología, Lima.*

Dirección estable: <https://www.aacademica.org/000-030/1253>



Na trilha dos caetés: A ontogênese do romancista graciliano ramos.

Cosme Rogério Ferreira
Silvaneide Maria da Conceição Freitas

Resumo

É bem sabida a importância de Graciliano Ramos (1892-1953) como profundo descritor da realidade social brasileira, sendo a trajetória biobibliográfica de um dos mais célebres literatos da Língua Portuguesa constantemente estudada à luz de muito variadas perspectivas. Este trabalho se trata de uma investigação da gênese social do romancista Graciliano à luz da sociologia e da psicologia. Nossa visada objetiva compreender os feixes de processos biopsicossociológicos em meio aos quais o escritor se afirmou romancista, enquanto vivia na cidade alagoana de Palmeira dos Índios e se dispôs a escrever *Caetés*, na década de 1920. Por meio de uma abordagem histórica que combina as técnicas bibliográfica e documental, o trabalho se desenvolveu orientado pelas contribuições metodológicas de Bourdieu (1996) e Elias (1995), que sugerem, respectivamente, a tríplice operação para a constituição da sociologia como uma ciência das obras culturais, e o estudo dos processos de psicogênese e sociogênese, chaves analíticas que se interpenetram e se complementam, e são utilizadas para fins didáticos na análise da trajetória social dos indivíduos. Diante do que foi analisado, conclui-se que as disposições de Graciliano Ramos para o romance foram despertadas por questões simbólicas, materiais, mas sobretudo existenciais: num universo de poucos risos, sempre esconso em pseudônimos, a experimentação do gênero romance, iniciada com *Caetés*, em 1925, e finalizada em 1938, com *Vidas secas*, foi, ao mesmo tempo, um doloroso exercício de recriação estética e ontogenética, de afirmação do nome próprio de Graciliano Ramos com romancista e como entidade cultural brasileira.

Palavras chave

Literatura; Sociogênese; Psicogênese; Graciliano Ramos; Romance.

Introdução

É bem sabida a importância de Graciliano Ramos (1892-1953) como profundo descritor da realidade social brasileira, sendo a trajetória biobibliográfica do mais célebre literato alagoano constantemente estudada à luz de múltiplas perspectivas de investigação.

Nascido na cidade alagoana de Quebrangulo (palavra paroxítona), e tendo passado parte da infância e adolescência entre Buíque (PE), Viçosa (AL) e Maceió (AL), Graciliano teve uma ligação afetiva muito mais forte com Palmeira dos Índios (AL), onde



foi comerciante, professor, jornalista, presidente da Junta Escolar do Município (cargo hoje equivalente ao de secretário municipal de educação) e prefeito da cidade que foi o cenário de muitas de suas crônicas, de suas correspondências íntimas, de seus famosos relatórios da Prefeitura, e de seu romance de estreia no campo literário brasileiro: *Caetés*, elaborado entre 1925 e 1930, e publicado somente em 1933, durante o surto nordestino no mercado editorial brasileiro.

O texto que ora se apresenta objetiva apresentar uma análise dos feixes de processos biopsicossociológicos em meio aos quais o escritor se afirmou romancista, isto é, apreender como foram construídas as disposições literárias graciliânicas em Palmeira dos Índios, cidade onde o consagrado romancista brasileiro viveu entre as décadas de 1910 e 1930.

Fundamentacao do problema

Em termos sociológicos, esta é a condição para que toda leitura se converta também em uma interpretação: saber como o autor habita o mundo e quais são as forças sociais que o habitam. Ao visar a leitura sociológica de uma obra romanesca com o fim de observar como o seu autor recriou ficcionalmente o cosmo social em que estava inserido, convém que conheçamos também sociologicamente o seu lugar social, o espaço onde produziu sua obra, o chão a partir de onde ele observou a realidade. Para tal análise, tomamos das perspectivas sociológicas bourdieusianas e eliasianas as chaves conceituais que nos permitem combinar aqui distintos métodos. De Bourdieu emprestamos o conceito de *campo*, compreendido como um espaço de relações de forças – portanto um espaço de relações de poder – onde acontecem as lutas entre os detentores de diferentes tipos de capital (econômico e cultural) pelo seu domínio. Dependendo da posição (dominantes/dominados) que ocupam na estrutura do campo de poder, isto é, de como estão distribuídos os distintos capitais, os agentes tomam suas posições pela conservação ou pela subversão do campo – esta sempre em oposição à conservação, embora não implique necessariamente alterações nos princípios estruturantes do campo. Nas palavras de Bourdieu (1996, p. 64):

eu diria que cada autor, enquanto ocupa uma posição no espaço, isto é, em um campo de forças [...] só existe e subsiste sob as limitações estruturadas do campo; mas ele também afirma a distância diferencial constitutiva de sua posição, seu ponto de vista, entendido como vista a partir de um ponto.



As *tomadas-de-posição* dos agentes são orientadas pelos seus *habitus*, conceito que remete à antiga noção aristotélica de ἕξις (*héxis*), traduzida em latim pela tradição escolástica, presente na sociologia desde sua fundação, com Durkheim, e primordial na teoria social de Bourdieu (Wacquant, 2005). Nesta, os *habitus* são sistemas de categorias, de percepções, de distinções, de apreciações e de classificações que levam os agentes a pensar, a falar e a agir de determinados modos em determinadas circunstâncias. Em síntese, a teoria social de Bourdieu diz que os campos são espaços de posições, que se traduzem em espaços de *tomadas-de-posição* (escolhas) mediados pelo espaço de disposições ou de gostos (*habitus*). Importa destacar que essas relações não são determinadas: cada agente constroi a sua própria trajetória em função das possibilidades mais ou menos disponíveis no campo, de acordo com as categorias de percepção culturalmente inscritas em seu *habitus*, como uma segunda natureza. Esta chave analítica guarda semelhança com a de Elias, no qual o *habitus* é a composição social do indivíduo, construída processualmente na relação dinâmica entre o indivíduo e a sociedade. O método de Elias para o estudo dessa relação consiste em tomar o indivíduo como um processo psicossocial, uma trajetória onde incidem e se cruzam processos de *psicogênese* e *sociogênese*, que buscam capturar a estrutura social de personalidade do indivíduo. Unidos desses conceitos operativos, combinamos a pesquisa psicossociogenética proposta por Elias, na qual recolhemos as informações biográficas acerca da trajetória de Graciliano, com o modelo analítico de Bourdieu, que articula as noções de *habitus* e *campo*.

Metodologia

Para o desenvolvimento da nossa pesquisa, ancorada nas perspectivas sociológicas de Pierre Bourdieu e Norbert Elias, utilizamo-nos das técnicas bibliográfica e documental, combinando métodos de análise distintos através dos quais analisamos o acervo de dados sociais, políticos e culturais (portanto sociológicos) que nos permitem reconstruir a gênese social do romancista Graciliano, e, conseqüentemente, a conformação de seu ponto de vista sobre a realidade abordada em sua obra, considerada, a partir de Gilberto Freyre, em 1936, verdadeiro documento sobre a realidade social brasileira.

Resultados e discussão

Analisando o processo-Graciliano, averiguamos que o autor nasceu inserido nos padrões da velha sociedade brasileira, marcada pelas relações patriarcais e coronelísticas, com forte influência da família, da igreja católica, da polícia local e das oligarquias na vida política provinciano-estadual. Como o sociólogo e crítico literário



Antonio Candido descreveu, Graciliano não somente foi testemunha dessas lentas mudanças sociais, mas, principalmente, foi partícipe de sua organização, na condição de jornalista, administrador e político. Essa experiência animaria a sua atitude radical posteriormente assumida “como receita que lhe pareceu viável para trazer o progresso, com o fim do caciquismo e atenuação da rígida diferença de classes, num país apenas saído do regime de castas da escravidão” (Candido, 1996, p. 11). Seu pai, o coronel Sebastião Ramos, negociante de miudezas, era filho de um antigo senhor de engenho arruinado pelo processo de substituição dos engenhos pelas usinas, no fim do Segundo Império. Sua mãe, Maria Amélia Ferro Ramos (Mariquinha), era filha de pecuaristas. Sob rígida educação, que incluía castigos físicos como a palmatória, a muito custo o menino triste aprendeu a ler e a desenvolver o gosto pela leitura, graças, sobretudo, à atenção afetuosa de uma prima chamada Emília e, quando adolescente, ao incentivo à escrita jornalística dado pelo intelectual Mário Venâncio, seu professor de geografia em Viçosa.

Como dissemos em um livro anterior (cf. Ferreira, 2015), Graciliano passou pouco tempo na escola e não se tornou bacharel, não se enquadrando no perfil comum do intelectual de sua época, exemplar da “*praga do Bacharelismo*” – expressão que Sérgio Buarque de Holanda utiliza em *Raízes do Brasil* para referir-se à tendência nossa de exaltar a personalidade individual acima de tudo, com dignidade e importância conferidas pelo título de “doutor”. Todavia, a autodidaxia de Graciliano não ocorreu fora das oportunidades que jovens como ele dispunham, por sua própria condição social. De acordo com Sérgio Miceli (2012, p. 118):

Tratava-se de um autodidatismo peculiar para rapazes de tal condição social, ora próximo de um aquecimento doméstico, ora custeando a absorção de habilidades pouco usuais. Essa educação caprichada, incutida por adultos cultos e requintados, nada tinha a ver com o esforço solitário e nada gratificante de moços destituídos de haveres.

Entre os afazeres comerciais junto ao pai, o jovem sertanejo esmerava-se na literatura, sua “provisão de sonhos”. Contudo, as condições por ele vividas mais o constrangeram do que o estimularam à atividade literária. Paradoxalmente, foi por meio dela que Graciliano encontrou refúgio para suas crises existenciais, aprofundadas 1) pela frustração com o abandono da carreira jornalística iniciada em 1914 no Rio de Janeiro – centro gravitacional da atividade literária nacional brasileira –, por causa da tragédia familiar onde morreram três irmãos e um sobrinho seus, vítimas de um surto de peste



bubônica que dizimou a cidade em 1915; 2) pela responsabilidade de cuidar de quatro filhos pequenos após a morte, em 1920, de sua primeira esposa, com quem ele enfrentou a própria família para levar adiante o namoro, uma vez que seus pais não viam o relacionamento com bons olhos; e 3) pelas limitações características do modo de vida provinciano da antiga cidade, movida a fuxicos e intrigas políticas.

Em 1924, numa profunda crise depressiva, Graciliano pensou em dar cabo de sua própria vida. À filha Clara Ramos ele confessou sobre a situação experimentada: “encontrei dificuldade séria, pus-me a ver inimigos em toda a parte e desejei suicidar-me. Realmente julgo que me suicidei” (G. Ramos *apud* C. Ramos, 1979, p. 54). Foi nesse tempo que surgiram alguns contos que, desenvolvidos ao longo dos anos seguintes, originaram os romances *São Bernardo* e *Angústia*. Sua descoberta como romancista, através dos relatórios que redigiu ao governador Álvaro Paes prestando contas de sua administração como prefeito repercutiram na imprensa carioca-nacional, se tornando um dos mais comentados casos do reconhecimento de um verdadeiro artista das letras na história do campo literário brasileiro.

Considerações finais

As disposições romanescas de Graciliano Ramos foram construídas e despertadas por questões simbólicas, materiais e, sobretudo, existenciais: num universo de poucos risos, sempre esconso em pseudônimos, a experimentação do gênero romance, iniciada com *Caetés*, em 1925, e finalizada em 1938, com *Vidas secas*, foi, ao mesmo tempo, um doloroso exercício de recriação estética e ontogenética, de afirmação do nome próprio de Graciliano Ramos como romancista e como entidade cultural, ajustado às solicitações e constrangimentos do campo literário brasileiro.

Referências

- Bourdieu, P. (1996). *Razões práticas: sobre a teoria da ação*. Campinas, Brasil: Papirus.
- Candido, A. (1996). *Graciliano Ramos*. Rio de Janeiro, Brasil: Agir.
- Ferreira, C. R. (2015). *Habitus, campo e mercado editorial: a construção do prestígio da obra de Graciliano Ramos*. Maceió, Brasil: Edufal.
- Miceli, S. (2012). *Vanguardas em retrocesso: ensaios de história social e intelectual do modernismo latino-americano*. São Paulo, Brasil: Companhia das Letras.
- Ramos, C. (1979). *Mestre Graciliano: confirmação humana de uma obra*. Rio de Janeiro, Brasil: Civilização Brasileira.
- Ramos, G. (1992). *Obra completa*. Rio de Janeiro, Brasil: Record.



Wacquant, L. (2005). Habitus. In J. Beckert; M. Zafirovsk. (Ed.), *International Encyclopedia of Economic Sociology* (p. 315-319). London, England: Routledge.